



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

**HISTÓRIAS ÉTNICO-RACIAS EM QUADRINHOS:
UMA ANÁLISE DE “JEREMIAS – PELE” E “JEREMIAS – ALMA”**

***ETHNIC-RACIAL STORIES IN COMICS:
AN ANALYSIS OF “JEREMIAS – PELE” AND “JEREMIAS – ALMA”***

Arthur Henrique Feijó de Almeida – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Erinaldo Dias Valério – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A biblioteca pode ser um instrumento crucial na construção de uma sociedade antirracista, contribuindo para a equidade racial através de seus serviços e coleções. Este artigo, utilizando uma abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico, reflete como o acervo das bibliotecas pode ser instrumentalizado para promover uma educação antirracista. A análise foca nas temáticas raciais abordadas nos quadrinhos “Jeremias — Pele” (2018) e “Jeremias — Alma” (2020), da coleção Graphic MSP. A leitura dessas obras revela que as histórias protagonizadas por Jeremias tratam de questões como racismo, representatividade, epistemicídio e violência policial de maneira lúdica e acessível. A trilogia, escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa, é especialmente relevante para fomentar a discussão de questões étnico-raciais dentro das bibliotecas. Esses quadrinhos exemplificam como o acervo de uma biblioteca pode ser utilizado para educar e sensibilizar sobre temas raciais, tornando-se um recurso vital na luta contra o racismo. Ao incluir tais obras em seus acervos, as bibliotecas podem desempenhar um papel ativo na promoção da justiça social e na construção de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: bibliotecas; questões étnico-raciais; histórias em quadrinhos.

Abstract: The library can be a crucial instrument in building an anti-racist society, contributing to racial equity through its services and collections. This article, using a qualitative approach and bibliographic procedure, reflects on how library collections can be instrumentalized to promote anti-racist education. The analysis focuses on racial themes addressed in the comics “Jeremias — Pele” (2018) and “Jeremias — Alma” (2020) from the Graphic MSP collection. Reading these works reveals that the stories featuring Jeremias address issues such as racism, representation, epistemicide, and police violence in a playful and accessible manner. The trilogy, written by Rafael Calça and illustrated by Jefferson Costa, is particularly relevant for fostering the discussion of racial issues within libraries. These comics exemplify how a library's collection can be used to educate and raise awareness about racial themes, becoming a vital resource in the fight against racism. By including such works in their collections, libraries can play an active role in promoting social justice and building a more equitable society.

Keywords: libraries; ethnic-racial relations; comics.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da Lei de Crime Racial (Lei 7.716) estar em vigor desde 1989, mais de três décadas depois, incidentes racistas continuam a ocorrer, refletindo uma realidade onde 81% das pessoas entrevistadas reconhecem a existência do racismo no país, mas apenas 15% se consideram racistas (Serafini, 2023). O mito da democracia racial, proposto por Gilberto Freyre em 1933, foi desmentido pela atualidade, mostrando que a igualdade racial ainda é um objetivo distante.

Elisângela Gomes (2016) destaca o pensamento afrocêntrico como essencial para a equidade racial. Segundo a autora, a afrocentricidade coloca a população negra no centro das discussões históricas, culturais e de conhecimento, valorizando sua memória e ancestralidade pré-escravidão, em oposição à marginalização europeia. Disseminar esse pensamento em família, escolas e espaços culturais contribui para uma sociedade antirracista.

Para combater efetivamente o racismo, é fundamental integrar a população negra na sociedade, incluindo no mercado de trabalho e na mídia, criar espaços de igualdade racial, aplicar penas mais severas para crimes raciais e implementar plenamente a Lei 10.639/03, que, desde 2003, exige o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. No entanto, desafios como problemas estruturais nas instituições educacionais e resistência de docentes e família ainda dificultam a eficácia dessa implementação.

Portanto, este trabalho se propõe a responder à seguinte inquietação: como as bibliotecas podem desempenhar um papel na promoção de uma educação antirracista? Para tanto, elencou-se o seguinte objetivo: refletir como o acervo das bibliotecas pode desempenhar um papel crucial na promoção de uma educação antirracista, analisando as temáticas raciais presentes nos quadrinhos “Jeremias — Pele” (2018) e “Jeremias — Alma” (2020), títulos que fazem parte da coleção Graphic MSP.

Este trabalho é qualitativo, focado na compreensão das dinâmicas das relações sociais (Gerhardt; Silveira, 2009). De natureza básica e com objetivo exploratório, busca desenvolver e esclarecer conceitos para futuros estudos (Gil, 2008). O procedimento utilizado foi a pesquisa bibliográfica, analisando as obras “Jeremias — Pele” e “Jeremias — Alma” através de uma leitura crítica e relacionando-as aos conteúdos abordados na disciplina “Seminários em

Ciência da Informação (Ênfase em Relações Étnicorraciais no Campo da Informação)” ministrada pelo Prof. Dr. Erinaldo Dias Valério no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco no primeiro semestre de 2024. Vale ressaltar que esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Alaye - grupo de estudos e pesquisas em informação antirracista e sujeitos informacionais, vinculado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (DCI/UFPE).

2 UMA BIBLIOTECA ANTIRRACISTA

Por muito tempo, a ideia de biblioteca foi associada a um espaço elitizado de erudição, embora avanços tecnológicos e sociais tenham contribuído para democratizar o acesso. No entanto, como aparelhos ideológicos, bibliotecas ainda refletem desigualdades, marginalizando grupos e reproduzindo ideais dominantes (Althusser, 1980).

Os ensinamentos biblioteconômicos enfatizam a formação de coleções que não só atendam às demandas informacionais, mas também promovam mudanças sociais ao refletir diversidades culturais e étnicas (Vergueiro, 2010). Ainda assim, muitas coleções continuam a privilegiar narrativas brancas e cisgêneras, negligenciando a representatividade e perpetuando estereótipos (Almeida, 2022).

Segundo Black (2022), o antirracismo vai além de desaprovar o racismo; envolve “ações que resultam em mudanças nos sistemas e estruturas para criar justiça para as pessoas de cor” (Black, 2022, p. 6). O antirracismo possui várias dimensões, entre elas:

- **Teoria e Ideologia:** Surge da opressão contínua e da busca por justiça e liberdade;
- **Histórias e Narrativas:** Reconstruir a memória apagada de um povo.

A terceira, e talvez mais crucial, é a **Ação**. Antirracismo é “alcançado por meio de ações políticas que promovem mudanças estruturais” (Black, 2022, p. 7). Para uma biblioteca antirracista, é necessária vontade política para combinar teoria e prática em ações transformadoras. Assim, uma biblioteca antirracista “equipará a comunidade com conhecimento para promover mudanças eficazes” (Black, 2022, p. 9), aproveitando o prestígio, conhecimento e espaço dos bibliotecários para iniciativas que mudem a realidade da comunidade.

Iniciativas antirracistas lideradas por pessoas bibliotecárias e movimentos sociais têm sido essenciais para corrigir essas lacunas, promovendo uma educação que questiona preconceitos e transforma estruturas sociais (Vieira; Valério, 2020; Cavalleiro, 2001). O exemplo dos quadrinhos de Jeremias na coleção Graphic MSP destaca-se como uma narrativa significativa, protagonizada por um personagem negro em um contexto literário brasileiro, desafiando barreiras ideológicas e contribuindo para um letramento racial mais inclusivo.

3 JEREMIAS E A COLEÇÃO GRAPHIC MSP

Histórias em quadrinhos, que combinam desenho e literatura, são populares em bibliotecas entre todas as faixas etárias e são excelentes para transmitir mensagens ideológicas e críticas sociais. No Brasil, Maurício de Sousa e sua “Turma da Mônica” são particularmente influentes, promovendo o hábito da leitura e reflexões sobre bem-estar social, pessoal e político (Vieira; Grott; Käfer, 2023).

No entanto, a representatividade étnico-racial nos quadrinhos de Maurício de Sousa foi alcançada lentamente (Carvalho *et al.*, 2021). Personagens negros como Milena, Ronaldinho Gaúcho e Tábata são significativos, mas o foco deste artigo é Jeremias, que apareceu pela primeira vez em 1959 na capa de uma edição de Bidu como o único garoto negro (Chien, 2013).

O personagem evoluiu ao longo do tempo, ganhando popularidade especialmente entre o público infantojuvenil, que em grande parte se identifica como preta ou parda. Em 2018, Jeremias ganhou sua primeira publicação solo no projeto Graphic MSP, que inclui edições únicas de personagens do estúdio por diferentes artistas. Atualmente, Jeremias tem três títulos no Graphic MSP: “Pele” (2018), “Alma” (2020) e “Estrela” (2024).

3.1 Jeremias — Pele

A primeira parte da saga de Jeremias, “Pele”, lançada em abril de 2018, ganhou o Prêmio Jabuti de Histórias em Quadrinhos de 2019. Escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa, ambos negros, “Pele” aborda temas como racismo escolar, vergonha dos

traços negróides¹, violência policial e falta de representatividade. Esta última é destacada pelo fato de ser a primeira vez que Jeremias, antes apenas ajudante de um amigo branco, é o protagonista. Maurício de Sousa comenta no prefácio sobre a importância de Jeremias ganhar sua própria história.

No início da *graphic novel*, Jeremias vê um homem negro entre os executivos de uma estação espacial, o que o inspira a sonhar em ser astronauta. Essa identificação é crucial para a formação do personagem, reforçando sua autoestima e acreditando em suas possibilidades.

Segundo Almeida (2019), representatividade é a participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, incluindo meios de comunicação e círculos acadêmicos. Almeida destaca que representatividade pode abrir espaços políticos para as reivindicações das minorias e dismantellar narrativas discriminatórias.

Não se trata apenas da presença de figuras negras na mídia, mas de como essas figuras permitem novos significados para suas realidades e influenciam a visão da sociedade, marcada pela branquitude. Bento (2022) explica que a branquitude promove uma hierarquia de dominação para o homem branco.

Na narrativa, Jeremias e seus colegas são designados a montar uma feira de profissões, com escolhas arbitrárias da professora. Alunos brancos recebem profissões de prestígio, enquanto Jeremias é destinado a uma profissão menos valorizada, como na Figura 1:

Figura 1 – Trecho da HQ “Pele”



Fonte: Calça e Costa (2019).

¹ Entendemos que o termo pode ter sido utilizado anteriormente de forma pejorativa para se referir às características fenotípicas comuns em pessoas negras, entretanto retira-se aqui a escolha política de utilização desse termo a fim de positivar essas características étnico-raciais.

A escolha da professora é fortemente racista, e a reação de escárnio dos alunos reforça isso. Cavalleiro (2001) mostra que, no meio escolar, há um tratamento mais afetivo dos educadores para crianças brancas, enquanto o racismo contra crianças negras é relativizado ou omitido. Isso afeta negativamente a autoestima e o desenvolvimento das crianças negras, naturalizando um tratamento diferenciado.

A omissão da professora ao não repudiar a zombaria dos alunos é percebida e incentiva mais ataques racistas. Um aluno faz comentários racistas sobre o cabelo de Jeremias, levando-o a raspar a cabeça e usar uma boina para cobri-la. Souza (1983) aponta que o negro é violentado por uma ideologia da branquitude, que impõe o branco como ideal inalcançável, levando ao repúdio das características negras.

Jeremias raspa o cabelo para se distanciar de sua negritude e se aproximar do ideal branco. No entanto, como Sueli Carneiro diz, o dispositivo de racialidade nega o negro como sujeito, colocando sua identidade racial antes de qualquer outra característica: “O negro chega antes da pessoa, do indivíduo, do profissional, do gênero, do título universitário, da riqueza” (Carneiro, 2023, p. 130). Assim, o dispositivo de racialidade age de maneira tal que é impossível da pessoa negra se distanciar da posição de Outro, tendo ela que enfrentar o dobro de obstáculos e vigilância social que uma pessoa branca para ocupar os espaços como podemos ver o pai de Jeremias explicando para ele na Figura 2:

Figura 2 – Trecho da HQ “Pele”



Fonte: Calça e Costa (2019).

Para escapar do Ideal de Ego branco, a autora bell hooks (2019) defende a criação de imagens que representem a negritude de forma positiva. Isso ressalta a importância de obras como “Pele”. Ao colocar figuras negras em posições de prestígio, essas produções permitem que pessoas negras, especialmente crianças em formação, reconheçam a beleza que a branquitude tentou esconder, como na Figura 3, quando Jeremias se vale do astronauta negro apresentado no começo da obra na hora de escolher seu novo corte de cabelo:

Figura 3 – Trecho da HQ "Pele"



Fonte: Calça e Costa (2019).

O corte de cabelo similar a uma figura de destaque devolve a autoconfiança a Jeremias, evidenciando a importância da representatividade. Ele encontra sua voz para denunciar o racismo na escola e ao seu redor. Após aprender sobre sua identidade e a sociedade racista, Jeremias decide que não quer mais ser astronauta, mas contar histórias.

3.2 Jeremias — Alma

Lançada em dezembro de 2020, “Alma” é a sequência de “Pele”, assinada novamente por Rafael Calça e Jefferson Costa. A obra segue Jeremias enfrentando novos desafios como menino negro na sociedade da branquitude. “Alma” foi finalista no Prêmio Jabuti e ganhou

dois troféus no Prêmio HQMix 2021. A história começa com a inquietação do protagonista após seu amigo Franjinha viajar para a Itália para se reconectar com o passado bem documentado de sua família, rastreando várias gerações, como podemos ver abaixo na Figura 4:

Figura 4 – Trecho da HQ "Alma"



Fonte: Calça e Costa (2020).

Jeremias, como muitas pessoas negras no Brasil, descende de pessoas escravizadas trazidas da África durante o período colonial. Diferente de Franjinha, ele não pode rastrear sua ancestralidade. Os colonizadores realizaram o que Santos chama de epistemicídio, ou seja, a destruição do conhecimento dos grupos subordinados para manter essa subordinação (Santos, 1998). Esse conceito é central em "Alma", onde Jeremias questiona sua identidade e história, como na Figura 5, onde podemos ver o personagem perguntando à sua família qual a contribuição da população negra para a História:

Figura 5 – Trecho da HQ “Alma”



Fonte: Calça e Costa (2020).

Carneiro (2005) afirma que o epistemicídio não apenas anula o conhecimento dos povos subjugados, mas também gera indignação cultural, negando acesso à educação de qualidade e deslegitimando o negro como produtor de conhecimento.

O questionamento de Jeremias reflete sobre o persistente epistemicídio no sistema educacional e a dificuldade de implementar a Lei 10.639/2003. Mesmo após duas décadas, crianças e adolescentes ainda questionam as contribuições dos povos africanos, que abrangem diversas áreas, da matemática à arquitetura.

“Alma” aborda também o racismo recreativo, onde o humor é usado para mascarar hostilidade racial (Moreira, 2019). Na trama, Jeremias enfrenta um conflito com um personagem branco que, como vingança, o representa de forma racista em uma peça de teatro, trecho ilustrado na Figura 7:

Figura 1 - Trecho da HQ “Alma”



Fonte: Calça e Costa (2020).

O personagem Pierre Valentin caracteriza Jeremias com estereótipos racistas: morador de favela, cercado pelo tráfico, não usa a norma padrão de linguagem e é jogador de futebol. Além disso, Pierre usa *blackface*, uma prática teatral antiga que caricaturiza traços negros.

“Alma” enriquece a jornada de Jeremias com novos conhecimentos e destaca a importância da democratização das questões étnico-raciais. No final, é enfatizado que a melhor maneira de combater o racismo é ecoar as vozes das pessoas negras, dando-lhes o protagonismo e a representatividade que merecem, como podemos ver na Figura 8, quando a avó de Jeremias se emociona ao saber que o neto escolheu representar sua mãe, uma pessoa escravizada, como uma rainha:

Figura 2 – Trecho da HQ “Alma”



Fonte: Calça e Costa (2020).

Assim, Jeremias finaliza o segundo arco da trilogia tomando para si o trabalho de preservar a sua ancestralidade através do ato de contar histórias seja de forma escrita ou a partir da oralidade. Após recuperar em “Pele” a autoestima e a confiança que a sociedade da branquitude tenta roubar do povo negro diariamente, em “Alma” Jeremias entende que “quando o povo negro tem como eixo central o reconhecimento identitário da sua ancestralidade e valores, este torna-se sujeito, protagonista da sua história e não objeto, algo a ser observado e retratado por outros” (Gomes, 2016, p. 740). Assim, a partir da afrocentricidade e da representatividade nos veículos midiáticos e nos espaços sociais, a população negra pode se tornar protagonista na construção de uma sociedade antirracista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção da educação antirracista é crucial para alcançar a tão desejada equidade racial. Até que examinemos criticamente como a branquitude permeia a ideologia dominante e molda nossas relações e estruturas sociais, as discussões sobre questões étnico-raciais podem não avançar como necessário. Bibliotecas, como guardiãs e disseminadoras de informação, têm o potencial de apoiar movimentos sociais organizados e democratizar suas agendas para a sociedade civil.

As histórias em quadrinhos protagonizadas por Jeremias abordam essas questões de maneira lúdica e acessível, ecoando discussões do movimento negro desde o último século. Rafael Calça e Jefferson Costa retratam sensivelmente perspectivas afrocentradas através de um dos universos literários mais populares do Brasil, destacando questões étnico-raciais contemporâneas enquanto reconhecem as causas e consequências da violência racial enfrentada por jovens negros. Através de Jeremias, uma figura significativa e infantil, os autores nos lembram da nossa luta contínua, honrando lutas passadas e abrindo caminho para desafios futuros.

O trabalho atendeu o objetivo de refletir como o acervo das bibliotecas pode desempenhar um papel crucial na promoção de uma educação antirracista e a conexão realizada entre o conteúdo programático da disciplina “Seminários em Ciência da Informação (Ênfase em Relações Étnicorraciais no Campo da Informação)” e as questões observadas em “Jeremias — Pele” (2018) e “Jeremias — Alma” (2020) evidencia isso.

Títulos como “Pele” e “Alma” deveriam ser comuns nas coleções de bibliotecas brasileiras, com obras afrocentradas cada vez mais integradas às políticas educacionais e ao desenvolvimento desses espaços. Além de documentar conhecimento em diversos formatos, esses espaços também devem promover ativamente a cultura afro-brasileira por meio de atividades culturais, fomentando uma cultura de paz, promovendo o letramento racial e valorizando tradições orais. Em última análise, devem ser lugares onde a negritude é reconhecida e abraçada nas práticas cotidianas das bibliotecas.

Considerando a publicação de “Jeremias — Estrela” no começo de 2024, reforçamos a importância de se debruçar sobre essa obra e ver quais questões étnico-raciais se apresentam na parte final dessa trilogia e de que forma estas poderiam contribuir ainda mais na construção de bibliotecas antirracistas. Para trabalhos futuros, sugere-se também mapear a percepção de usuários de uma biblioteca sobre as questões étnico-raciais e de que maneira essa percepção é afetada após a leitura dessas obras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. H. F. Políticas públicas para formação e desenvolvimento de coleções, comunidade LGBTQIA+ e representatividade: um estudo do acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo,

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

v. 18, n., 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1790>. Acesso em: 28 maio 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen; Sueli Carneiro, 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1980.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2022.

BLACK, Kimberly. Justiça social e Biblioteconomia e Ciência da Informação Antirracista. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. esp., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/39918>. Acesso em: 30 jun. 2024.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: alma**. São Paulo: Panini, 2020. (Graphic MSP).

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: pele**. São Paulo: Panini, 2018. (Graphic MSP).

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013. 296 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/publico/Nobuyoshi.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Elisângela. Afrocentricidade: discutindo relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, n. 3, p. 738-752, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1216>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La globalización del derecho**: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Colombia: Universidad Nacional de Colombia; IISA, 1998. Disponível em: https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf. Acesso em: 3 jun. 2024.

SERAFINI, Mariana. 8 em cada 10 pessoas consideram o Brasil um país racista, aponta estudo. **CartaCapital**, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/8-em-cada-10-pessoas-considera-o-brasil-um-pais-racista-aponta-estudo/>. Acesso em: 6 jun. 2024.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VERGUEIRO, W. **Seleção de materiais de informação**. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

VIEIRA, K.; GROTT, V. G. O.; KAFER, E. L. Os quadrinhos da Turma da Mônica e sua contribuição para as reflexões sobre o bem-estar social, pessoal e político da sociedade. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2055>. Acesso em: 27 maio 2024.

VIEIRA, Sara da Cruz; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Mapeando o acervo bibliográfico para uma agenda antirracista. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: pesquisa e experiências de aplicação da lei 10.639/2003 na formação bibliotecária e nas bibliotecas. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 187-200.